

CAPÍTULO 23

TEORIAS DO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Os partidários de diversas escolas e pensadores ecléticos semelhantes dedicaram muito pensamento ao crescimento e desenvolvimento econômico. *Crescimento econômico* é o aumento da produção real de um país (PIB) que ocorre durante determinado período. Ele resulta de (1) maior quantidade de recursos naturais, recursos humanos e capital, (2) melhorias na qualidade dos recursos e (3) avanços tecnológicos que impulsionam a produtividade.

O PIB real *per capita* de um país — isto é, o padrão de vida — aumenta quando sua produção real aumenta mais rapidamente do que sua população. O *desenvolvimento econômico* é simplesmente o processo pelo qual uma nação melhora seu padrão de vida durante determinado período. Especialistas em desenvolvimento econômico analisam as forças e as políticas que causam ou impedem a elevação dos padrões de vida em nações de renda baixa ou média.

Especialmente desde 1945, tem ocorrido grande expansão do conhecimento sobre crescimento e desenvolvimento. Há vários motivos para isso. O primeiro é que o crescimento econômico é altamente variável entre as nações. Por que algumas nações têm crescido mais rapidamente que outras? O segundo motivo é que os países industrialmente desenvolvidos têm

superado os piores excessos de recessão econômica por meio de políticas de estabilização e mercados mais flexíveis. A ênfase, portanto, passou para o modo de se atingir altos índices de crescimento. O terceiro motivo é que a maioria dos países pobres, muitos deles colônias antes da Segunda Guerra Mundial, é hoje politicamente livre e busca estratégias para promover o crescimento e o desenvolvimento econômico. Antes chamadas de “atrasadas” ou “não-desenvolvidas”, essas nações são hoje chamadas de países “em desenvolvimento” ou “emergentes”. O quarto motivo é que a queda do socialismo marxista na Europa Oriental e na União Soviética chamou muito a atenção sobre o desenvolvimento e o crescimento dessas regiões. Os últimos países comunistas podem mudar sua economia para o capitalismo e atingir o desenvolvimento econômico mais rapidamente? Finalmente, o aumento no padrão de vida em países em desenvolvimento tornou-se importante para as nações industrialmente desenvolvidas em termos de investimentos diretos, comércio internacional e finanças internacionais.

Este capítulo examina seis análises diferentes sobre o crescimento e o desenvolvimento econômico. Começamos com uma discussão sobre o modelo de crescimento keynesiano, estabelecido por Harrod e Domar. Em seguida, examinamos o modelo de crescimento neoclássico de Solow. Depois, estudamos a teoria de desenvolvimento econômico e mudança institucional de Schumpeter. Seguem-se discussões de Nurkse, Lewis e Schultz, que ofereceram idéias produtivas sobre o desenvolvimento econômico.

SIR ROY F. HARROD E EVSEY DOMAR

Sir Roy F. Harrod (1900-1978) e Evsey Domar (1914-1997) contribuíram separadamente para o que hoje se conhece como a análise de Harrod-Domar sobre o crescimento. Eles estabeleceram suas teorias dentro da estrutura keynesiana, discutida nos dois capítulos anteriores e, assim, são membros da ampla escola keynesiana. Em 1947, Harrod, um inglês, apresentou suas idéias em uma série de palestras na Universidade de Londres¹. Nesse mesmo ano, Domar, que mais tarde assumiria cargos na Johns Hopkins e no MIT, publicou um artigo contendo uma teoria semelhante em *American Economic Review*². Como as teorias chegaram a conclusões semelhantes e são, da mesma forma, complexas, discutiremos somente o modelo de crescimento de Domar³.

O efeito da criação da capacidade de investimento

Domar observou que os gastos líquidos com investimento contribuem para o estoque de capital do país, aumentam a capacidade produtiva da economia e elevam seu nível *potencial* de renda. Ele afirmou que a mudança na capacidade produtiva, ΔY_p , dependerá do nível de investimento, I , e da “produtividade média social provável de novos investimentos”, σ . Simbolicamente:

$$\Delta Y_p = I\sigma \quad (23-1)$$

1. R. F. Harrod. *Toward a dynamic analysis*. Londres: Macmillan, 1948.

2. Evsey D. Domar. Expansion and employment. *American Economic Review*, n. 37, p. 34-55, março de 1947. Também, The problem of capital accumulation. *American Economic Review*, n. 38 p. 77-94, dezembro de 1948.

3. Um excelente resumo do modelo de Harrod é apresentado por Wallace C. Peterson. *Income, employment, and economic growth*. 5. ed. Nova York: Norton, 1984. Harrod publicou um esboço “preliminar e experimental” sobre uma teoria dinâmica do crescimento, em 1939. Veja An essay in dynamic theory. *Economic Journal*, 49, 1939, p. 308-328.

Para demonstrar o ponto importante de Domar, vamos imaginar que o valor de σ seja 0,3. Isso nos diz que cada dólar de gastos com investimento aumentará a capacidade da economia em gerar renda futura em 30 centavos. Podemos também assumir que a propensão a poupar (marginal = média) é de 0,2. Se o equilíbrio da renda é \$ 500 bilhões, então a poupança será \$ 100 bilhões ($0,2 \times \$ 500$ bilhões). O investimento líquido, portanto, também deve ser de \$ 100 bilhões, porque o investimento deve corresponder às poupanças no nível de equilíbrio da renda. Esses \$ 100 bilhões de investimento aumentarão a capacidade produtiva e a renda potencial da economia em \$ 30 bilhões ($0,3 \times \$ 100$ bilhões). Se a renda no próximo período permanecesse em \$ 500 bilhões, a economia teria capacidade ociosa e desemprego. Os investimentos expandem a capacidade de uma nação de gerar produção e renda.

O efeito da criação da demanda do investimento

Como a função de consumo no modelo keynesiano é considerada estável, os gastos adicionais com consumo aparecem apenas em resposta ao aumento da renda. Conseqüentemente, os gastos com investimento são a fonte dos aumentos da demanda agregada de um período para o outro. Os gastos com investimento no novo período deverão exceder o total no período anterior, se o potencial de renda adicional do investimento passado tiver de ser realizado. O aumento necessário na demanda efetiva é fornecido pela Equação 23-2.

$$\Delta Y_d = \Delta I \times \frac{1}{\alpha} \quad (23-2)$$

em que ΔY_d é a mudança na renda, ΔI é a mudança nos gastos líquidos com investimentos e α é a propensão a poupar. A fração $1/\alpha$ é o multiplicador de investimento keynesiano simples, discutido no Capítulo 21.

A necessidade de crescimento equilibrado

Domar definiu o crescimento equilibrado como a taxa de crescimento da renda em que o emprego pleno dos recursos é mantido durante determinado período de tempo. Ele é obtido quando as mudanças na capacidade de produção (ΔY_g na Equação 23-1) se igualam às mudanças na demanda efetiva (ΔY_d na Equação 23-2).

$$\Delta Y_g = \Delta Y_d \quad (23-3)$$

Substituindo os valores anteriores de ΔY_g e ΔY_d na Equação 23-3, obtemos a Equação 23-4.

$$I\sigma = \Delta I \times \frac{1}{\alpha} \quad (23-4)$$

Multiplicando os dois lados da Equação 23-4 por α e depois dividindo por I , obtemos a Equação 23-5.

$$\frac{\Delta I}{I} = \sigma\alpha \quad (23-5)$$

Assim, Domar chegou às suas principais conclusões. A economia precisa crescer a fim de manter o emprego pleno de seus recursos. Para realizar a taxa de crescimento de renda necessá-

ria para alcançar o crescimento da capacidade de renda, os investimentos devem crescer anualmente a uma taxa percentual igual ao produto da produtividade média social possível de investimento, σ , e a propensão a poupar, α .

No nosso exemplo anterior, a renda deve aumentar de \$ 500 bilhões para \$ 530 bilhões (6%). Como a propensão a poupar é de 0,2, o multiplicador será 5 ($1/0,2$). Para obter um aumento de renda de \$ 30 bilhões, os investimentos devem, portanto, crescer em \$ 6 bilhões ($\$ 30/5$). Os investimentos no ano anterior eram de \$ 100 bilhões. Neste ano, devem ser de \$ 106 bilhões. Isto é, eles também devem crescer em 6% ($\$ 6/\$ 100$). Confirmamos esse fato com a Equação 23-5, em que vemos que essa taxa (0,06) é igual a σ vezes α , ou o produto da produtividade de capital (0,3) e a propensão a poupar (0,2). Quanto mais altos forem os valores, maior será a taxa de crescimento dos investimentos necessária.

Domar e Harrod duvidavam que o crescimento anual dos investimentos fosse *automaticamente* suficiente para manter o nível de emprego. Seus modelos reforçaram a conclusão keynesiana de que a economia é inerentemente instável. De fato, seus modelos implicam que a economia é um "fio de navalha". Se os investimentos não crescessem na taxa necessária ou segura, a economia retrocederia. Por outro lado, se o crescimento dos gastos com investimentos excedesse a taxa necessária ou segura, o resultado seria a inflação causada por demanda⁴.

ROBERT M. SOLOW

Robert M. Solow (1924-) nasceu no Brooklyn, Nova York, e obteve seu doutorado na Universidade de Harvard, em 1951. Passou toda a sua carreira acadêmica no MIT, onde ocasionalmente colaborava com Paul Samuelson. Em 1979, foi eleito presidente da American Economic Association e, em 1987, ganhou o Prêmio Nobel por seu trabalho sobre crescimento econômico.

Solow tem contribuído para várias facetas da economia, incluindo programação linear, teoria macroeconômica, economia ambiental e economia do trabalho. Durante vários anos, ele defendeu sua síntese moderna sobre a microeconomia neoclássica e sobre a macroeconomia baseada em Keynes, disputando intelectualmente com os defensores do monetarismo, do pós-keynesianismo e, mais recentemente, da nova macroeconomia clássica. Na visão de suas "opiniões keynesianas clássicas e neo-keynesianas", é de certa forma irônico que sua teoria sobre o crescimento macroeconômico esteja enraizada no neoclássico, e não no keynesianismo.

Teoria do crescimento de Solow

Em 1956, Solow publicou uma influente análise sobre o crescimento econômico. Diferentemente da teoria de Harrod-Domar, que sugeria que o caminho para o crescimento de uma economia é inerentemente instável, a teoria de Solow apoiava a visão neoclássica de que a economia se ajusta internamente para obter crescimento equilibrado estável. A teoria do crescimento de Solow contém vários elementos-chave⁵.

4. Nem todos os economistas aceitam a interpretação de "fio de navalha" da análise de Harrod. Consulte J. A. Kregel. *Economic dynamics and the theory of steady growth: an historical essay on Harrod's "knife-edge"*. *History of Political Economy*, n. 12, p. 97-123, primavera de 1980.

5. Robert M. Solow. A contribution to the theory of economic growth, *Quarterly Journal of Economics*, n. 70, p. 65-94, fevereiro de 1956. Nossa discussão simplificada segue a de Robert E. Hall e John B. Taylor. *Macroeconomics*. 5. ed. Nova York: W. W. Norton, 1997, p. 70-74. Para obter um tratamento matemático sobre o modelo de

Produção, a força de trabalho e o investimento equilibrado. Solow começa sua análise estabelecendo uma função de produção agregada em que a tecnologia é constante e a produção total depende das ações de capital e do fluxo de entrada de trabalho. A curto prazo, um aumento no trabalho, considerando-se uma ação de capital fixa, gera rendimentos decrescentes, assim como um aumento no capital, dado um número fixo de trabalhadores. A longo prazo, a função de produção exibe rendimentos constantes à escala. Se o capital e o trabalho aumentarem, por exemplo, em 1%, a produção (e a renda) também crescerá em 1%.

Vamos imaginar que o crescimento da força de trabalho aumente em uma taxa constante n a cada ano. A força de trabalho, portanto, expande-se em nN , em que N é o tamanho da força de trabalho do início do ano. Por exemplo, se n for 0,01 (ou 1%) e N for 200 milhões, a força de trabalho crescerá em 2 milhões ($0,01 \times 200$ milhões) durante o ano e será 202 milhões no início do próximo ano.

Se o total de *capital por trabalhador* permanecer constante, a taxa de crescimento do estoque de capital, K , deve ser igual à taxa de crescimento da força de trabalho, n . O crescimento do estoque de capital, obviamente, é um investimento líquido (investimento bruto menos a depreciação). Os investimentos líquidos devem, portanto, aumentar em nK a cada ano para se igualarem ao crescimento da força de trabalho nN . Por exemplo, se n for 0,01 conforme supomos e se o estoque de capital for \$ 30 trilhões, então os investimentos líquidos serão de \$ 300 bilhões ($0,01 \times \$ 30$ trilhões). O acréscimo de \$ 300 bilhões às ações de capital é suficiente para manter constante o total de capital por trabalhador. Chamamos esse total de investimento necessário de *investimento equilibrado*, porque equilibra perfeitamente o crescimento da força de trabalho e as ações de capital, garantindo um total constante de capital por trabalhador.

Poupança e investimento real. Solow assume que a poupança é proporcional à renda ($MPS = APS$). Todo ano, os participantes da economia guardam uma parte da renda, s , e consomem uma parte da renda, $1 - s$. A taxa de poupança, s , e o nível de renda, Y , juntos determinam a poupança total, sY . Por exemplo, se s for 0,2 (ou 20%) e a renda for US\$ 2 trilhões, a poupança total será de \$ 400 bilhões ($0,2 \times 2$ trilhões). Como os investimentos líquidos absorvem toda a reserva de poupança na economia, o *investimento real* é também sY . Investimento real é o total de investimento líquido realmente apresentado em um ano e é sempre o mesmo que o total de poupança.

O ponto estável. Combinamos os principais elementos da teoria do crescimento de Solow na Figura 23-1, em que as variáveis são convertidas em uma “base por trabalhador”. As poupanças por trabalhador (iguais aos investimentos por trabalhador) são medidas no eixo vertical, enquanto o capital por trabalhador é medido no eixo horizontal. Como a tecnologia é constante, a produção por trabalhador depende exclusivamente do total de capital por trabalhador.

A linha reta BI_w na Figura 23-1, representa os investimentos equilibrados. Ela mostra o total de investimento por trabalhador que deve ocorrer a fim de manter cada nível de capital por trabalhador. Em contraste, a curva de poupanças-por-trabalhador, S_w , mostra o investimento real por trabalhador que ocorre em cada soma de capital por trabalhador. A forma da curva S_w reflete os rendimentos decrescentes. As poupanças por trabalhador aumentam a uma taxa

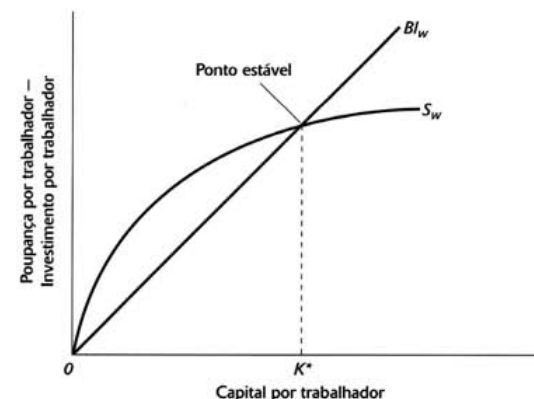


Figura 23-1 Teoria do crescimento de Solow

De acordo com Solow, a economia tende a se direcionar a um ponto estável em que os investimentos reais (conforme medidos em S_w) são iguais aos investimentos equilibrados (conforme medidos em BI_w). Os investimentos equilibrados representam o total de investimento necessário para manter o crescimento das ações de capital na mesma taxa que a força de trabalho. Se os investimentos reais excederem os investimentos equilibrados, o capital por trabalhador aumentará; se os investimentos reais forem menores que os investimentos equilibrados, o capital por trabalhador diminuirá. No capital por trabalhador (k^*), as taxas de crescimento das ações de capital, a força de trabalho e a produção são iguais.

decrecente, porque cada unidade adicional de capital por trabalhador proporciona menos incrementos adicionais de produção e renda. Menores incrementos de produção e renda, multiplicados por uma taxa constante de poupanças, significam menos aumentos nas poupanças. Como os investimentos líquidos são iguais às poupanças, os investimentos reais aumentam a uma taxa decrescente à medida que o capital por trabalhador diminui.

A interseção das curvas produz um *ponto estável* em que os investimentos reais igualam-se aos investimentos equilibrados. Nesse ponto estável, o capital por trabalhador é k^* , e as taxas de crescimento de produção por trabalhador, a forma de trabalho, as poupanças totais e os investimentos são todos iguais. Em k^* , a economia está em um caminho de crescimento estável equilibrado. A taxa de crescimento existente de produção real (não mostrada) continuará.

Solow reconheceu que os investimentos reais inicialmente poderiam ser menores ou maiores que os investimentos equilibrados. Se alguma dessas hipóteses ocorresse, a economia ajustaria os totais relativos de capital e trabalho utilizados até que os investimentos reais fossem iguais aos investimentos equilibrados. Essas substituições de capital-trabalho e trabalho-capital estavam ausentes no modelo de crescimento de Harrod-Domar.

Para entender o processo de ajuste, primeiro consideremos os níveis de capital por trabalhador que são menores que k^* , na Figura 23-1. Observe que os investimentos reais (conforme determinados na curva S_w) excedem os investimentos equilibrados (determinados na linha BI_w). O estoque de capital, portanto, cresce mais rapidamente do que a força de trabalho, e o total de capital por trabalhador aumenta. Esse processo continua até que o ponto estável seja alcançado.

çado. Nesse ponto, os investimentos reais são os mesmos que os investimentos equilibrados. E se o capital por trabalhador for maior que k^* ? Então, os investimentos reais serão menores que os investimentos equilibrados, e as ações de capital crescerão menos rapidamente que a força de trabalho. O capital por trabalhador cairá até que o ponto estável seja alcançado. Solow, assim, mostrou que as mudanças automáticas no uso relativo do capital e do trabalho permitem que a economia atinja um ponto de crescimento estável.

Solow e o progresso tecnológico

Solow enfatizou a importância do avanço tecnológico (mantido constante na Figura 23-1) para os padrões de vida mais elevados. Para Solow, o avanço tecnológico inclui não apenas as técnicas aprimoradas de produção, mas também as melhorias na *quantidade* de trabalho e capital. A nova tecnologia está geralmente embutida no capital; está incorporada nos novos equipamentos e nas fábricas. Quando Solow introduz o avanço tecnológico em sua teoria do crescimento, a economia hipotética atinge taxas mais altas de crescimento produtivo, independentemente dos aumentos no total de capital por trabalhador.

Para testar essa previsão do modelo, Solow desenvolveu novas técnicas para medir as contribuições relativas dos fatores que causam o crescimento econômico. Ele descobriu que os aumentos no trabalho e nos fluxos de entrada de capital explicam menos da metade do crescimento econômico. Segundo ele, o resíduo é resultado do progresso tecnológico⁶.

JOSEPH ALOIS SCHUMPETER

Vida e influências

Joseph Alois Schumpeter (1883-1950), filho de um fabricante de tecidos, nasceu na província austríaca de Morávia (hoje uma região da República Tcheca) e estudou direito e economia na Universidade de Viena. Exerceu a advocacia por vários anos, ensinou economia política e, em 1913 e 1914, foi para a Universidade de Colúmbia. Foi nessa época que ele e Wesley C. Mitchell começaram sua longa amizade. Durante a Primeira Guerra Mundial, Schumpeter não fez segredos de seus sentimentos pacifistas, pró-britânicos e antigermânicos. Ele serviu, por um pequeno período, como ministro das Finanças da república austríaca, em 1919. Em 1921, tornou-se presidente de uma casa bancária particular altamente respeitada em Viena. Quando o banco entrou em decadência em 1924, após a grande inflação da Alemanha, ele retornou ao mundo acadêmico e aceitou um cargo de professor na Universidade de Bonn. De 1932 até sua morte, lecionou em Harvard e atuou como presidente da American Economic Association, o primeiro economista estrangeiro a alcançar essa distinção. Suas obras *The theory of economic development* (1911), *Capitalism, socialism and democracy* (1942) e sua enciclopédica *History of economic analysis* (1954), editada por sua esposa após sua morte, são monumentos a suas grandes conquistas.

As duas principais influências intelectuais na vida de Schumpeter foram Léon Walras e Karl Marx. De Walras, Schumpeter herdou sua ênfase à interdependência das quantidades econômicas. Schumpeter tinha forte aversão ao marxismo, mas admirava o conhecimento de Marx

6. Robert M. Solow. Technical change and the aggregate production function. *Review of Economics and Statistics*, n. 39, p. 312-320, agosto de 1957.

sobre o processo de mudança econômica. Schumpeter foi devoto ardoroso das instituições capitalistas e via com alarme as forças provocadas pelo sucesso do capitalismo, porque acreditava que elas destruiriam o sistema. Ele concordava com Marx que o capitalismo entraria em decadência, embora por diferentes motivos e com profundo pesar.

Desenvolvimento econômico e instabilidades nos negócios

Schumpeter construiu um sistema teórico para explicar os círculos econômicos e a teoria do desenvolvimento econômico. O principal processo na mudança econômica é a introdução de inovações e a inovação central é o empreendedor. A inovação é definida como mudanças nos métodos de oferta de mercadorias, por exemplo, a introdução de novos bens ou novos métodos de produção; a abertura de novos mercados, conquistando novas fontes de suprimento de matéria-prima ou bens semimanufaturados, ou a reorganização da indústria, como a criação ou quebra de um monopólio. A inovação é muito mais do que invenção. A invenção não será inovação se estiver fadada ao fracasso — isto é, se não for utilizada. Uma invenção se torna uma inovação somente quando é aplicada a processos industriais.

O empreendedor é a pessoa que executa novas combinações e introduz inovações. Nem todos os dirigentes das empresas, gerentes ou industriais são empreendedores, porque podem estar gerenciando um negócio sem tentar novas idéias ou novas maneiras de fazer as coisas. Nem os empreendedores correm riscos. Essa função é deixada para os acionistas, que são tipicamente capitalistas, mas não empreendedores. Os empreendedores devem ter apenas ligações temporárias com as empresas individuais, como financiadoras ou promotoras. Mas são sempre pioneiros na introdução de novos produtos, novos processos e novas formas de organização comercial ou na penetração de novos mercados. São pessoas com excepcionais habilidades, que aproveitam ao máximo as oportunidades que passam despercebidas por outras ou que criam oportunidades por meio da ousadia e da imaginação.

Sem inovação, a vida econômica atingiria um equilíbrio estático, e seu fluxo circular seguiria essencialmente os mesmos canais, ano após ano. O lucro e os juros desapareceriam, e o acúmulo de riquezas cessaria. O empreendedor, buscando lucro com a inovação, transforma essa situação estática no processo dinâmico de desenvolvimento econômico. Essa pessoa interrompe o fluxo circular e desvia o trabalho e a terra para o investimento. Como as economias geradas pelo fluxo circular são inadequadas, o empreendedor confia no crédito para oferecer os meios à sua empresa. O desenvolvimento econômico resultante surge do próprio sistema econômico, em vez de ser imposto externamente.

As inovações não ocorrem de forma contínua, mas ocorrem em grupos. As atividades da maioria dos empresários empreendedores e arrojados criam um clima favorável em que os outros podem segui-los. O crédito expande-se, os preços e a renda aumentam e a prosperidade prevalece. Mas não para sempre. O *boom* econômico gera condições desfavoráveis para seu progresso contínuo. O aumento nos preços desvia o investimento, e a concorrência entre produtos novos e antigos causa perdas econômicas. Quando os empresários pagam suas dívidas, o processo deflacionário é intensificado, e a recessão substitui a prosperidade. As instabilidades econômicas, portanto, representam o processo de adaptação à inovação. O sistema tende ao equilíbrio, exceto que as inovações sempre quebrem essa tendência. O processo que gera

desenvolvimento econômico também gera instabilidades, e cada recessão representa uma luta a favor de um novo equilíbrio.

A queda do capitalismo

O capitalismo pode sobreviver?, perguntava Schumpeter. “Não”, era sua resposta. Ele acreditava que a sociedade capitalista tinha estado, por algum tempo, em um estado de decadência. Mas discordava, com a maioria dos economistas, sobre a natureza exata da queda. Ele rejeitava a ênfase ricardiana no papel dos rendimentos decrescentes e o princípio populacional de Malthus, que se opunham ao progresso. Também se opunha ao argumento de Marx de que as contradições econômicas produziram sucessivamente mais crises graves. Rejeitava a tese keynesiana sobre a estagnação em vários aspectos. As oportunidades para grandes inovações não foram exaustivas; a tendência de as inovações se tornarem poupanças de capital não foi demonstrada de forma convincente; embora o processo de desenvolvimento de novos países tenha sido concluído, outras oportunidades podem bem substituir aquelas e, finalmente, a queda na taxa de nascimento pode se tornar economicamente significativa no futuro, mas não pode explicar os eventos dos anos 1930. Seu diagnóstico sobre as enfermidades fundamentais do capitalismo aproximou-se do apresentado por Sombart, discutido brevemente no Capítulo 11.

Schumpeter escreve que, se o sistema capitalista seguisse o padrão de crescimento estabelecido nos 60 anos que precederam 1928, poderíamos alcançar os objetivos dos reformistas sociais sem interferência significativa no processo capitalista. Mas isso não é provável. As bases econômicas e sociais do capitalismo estão começando a se desintegrar, afirmou Schumpeter, devido (1) à obsolescência das funções empreendedoras, (2) à destruição das classes políticas protecionistas e (3) à destruição da estrutura institucional da sociedade capitalista.

Obsolescência da função empreendedora. A função empreendedora está se tornando cada vez mais obsoleta. Dessa forma, as bases econômicas e sociais do capitalismo estão se degenerando. A inovação está se reduzindo à rotina. O progresso tecnológico está se tornando cada vez mais o negócio de equipes de especialistas treinados que verificam o que é necessário e fazem com que funcione de maneiras previsíveis. O progresso econômico está se tornando despersonalizado e automatizado. O trabalho de agências e comitês substitui a ação individual. Os empreendedores não têm mais oportunidades de entrar em cena; estão se tornando apenas gerentes, pessoas nem sempre difíceis de serem substituídas:

Para resumir essa parte da nossa argumentação: se a evolução capitalista — “progresso” — parar ou se tornar completamente automática, a base econômica da burguesia industrial será, conseqüentemente, reduzida a salários como os que são atualmente pagos pelo trabalho administrativo, com exceção dos vestígios de quase-rendas e ganhos monopolistas que podem se prolongar por algum tempo. Como a empresa capitalista, por suas inúmeras conquistas, tende a automatizar o progresso, concluímos que ela tende a se tornar supérflua — degenerar-se sob a pressão do próprio sucesso. A unidade industrial gigante perfeitamente burocratizada não apenas expulsa a pequena ou a média empresa e “desapropria” seus proprietários, mas acaba também expulsando o empreendedor e desapropriando a burguesia como uma classe que, no processo, suporta perder não apenas sua renda, mas também aquilo que é infinitamente mais importante, sua função. O ritmo da evolução do socialismo não foi determi-

nado pelos intelectuais ou agitadores que o pregavam, mas pelos Vanderbilts, pelos Carnegies e pelos Rockefellers. Esse resultado talvez não agrade aos socialistas marxistas, muito menos aos socialistas de uma descrição mais popular (Marx teria dito mais vulgar). Mas, até onde já chegaram os prognósticos, ele não difere do apresentado por eles⁷.

Destruição das classes políticas. A destruição das classes políticas, que ofereciam a maior defesa da sociedade capitalista, representa o segundo motivo para a autodestruição do sistema capitalista. Schumpeter concordava com Marx que a grande empresa destrói a pequena e a média empresas. Na política democrática, esse processo enfraquece a posição política da burguesia industrial, porque vários proprietários de pequenas empresas são mais poderosos politicamente do que poucos executivos assalariados e grandes acionistas.

O processo capitalista, substituindo uma pequena parcela das ações por paredes e máquinas de uma fábrica, desfaz-se da idéia de propriedade. Ele perde uma compreensão que antes era tão forte — a do direito legal e da capacidade real de fazer com que uma pessoa ficasse satisfeita consigo mesma; a compreensão no sentido de que o proprietário perde o desejo de lutar, econômica, física e politicamente pela “sua” fábrica e pelo seu controle sobre ela, de morrer, se necessário, em sua defesa. E a evaporação daquilo que podemos chamar de substância material da propriedade — sua realidade visível e paupável — afeta não apenas a atitude dos proprietários, mas também a dos trabalhadores e do público em geral. A propriedade desmaterializada, sem função e absenteísta não convence e traz à tona a sujeição moral. Conseqüentemente, não sobrará *ninguém* que realmente se importe com ela — ninguém internamente e ninguém sem as pressões das grandes preocupações⁸.

O capitalismo, dizia Schumpeter, cria, educa e subsidia um grupo intelectual com um interesse legítimo na inquietação social. Os intelectuais não têm responsabilidade direta pelos negócios práticos, eles estão do lado de fora, observando. Eles têm a força da palavra dita e escrita. A liberdade de discussão pública envolve liberdade de mordiscar as bases da sociedade capitalista, e o grupo intelectual não pode ajudar, porque vive da crítica. Os graduados que são incapazes de exercer um trabalho profissional e que se opõem às ocupações manuais aumentam o grupo dos descontentes e desenvolvem hostilidade à ordem capitalista ao racionalizar as próprias imperfeições. Os intelectuais também invadiram o movimento dos trabalhadores e o radicalizaram a fim obter apoio das pessoas que naturalmente suspeitam deles.

Destruição da estrutura institucional. O terceiro motivo para a desintegração das bases do capitalismo está na destruição da estrutura institucional da sociedade capitalista. O grande mérito do argumento da estagnação é seu reconhecimento da verdade inegável de que, diferentemente de outros sistemas econômicos, o sistema capitalista é movido a incessantes mudanças econômicas. O capitalismo implica revoluções industriais recorrentes, que são a principal fonte de lucro e interesse por parte dos empresários e dos capitalistas. O núcleo válido da análise sobre a estagnação depende da inadaptação das expectativas de lucro como a base dos investimen-

7. Joseph A. Schumpeter. *Capitalism, socialism, and democracy*. 3. ed. Nova York: Harper & Row, 1950, p. 134. Copyright 1942, 1947 de Elizabeth Boody Schumpeter. Copyright 1950 de Harper & Row.

8. *Idem ibidem*, p. 142.

tos insuficientes e do emprego. Esses problemas econômicos são gerados por políticas anticapitalistas adotadas na maioria dos países europeus desde a Primeira Guerra Mundial e, nos Estados Unidos, desde 1933 — políticas que aumentaram os números do desemprego dos anos 1930 acima do que deveriam. Essas políticas incluem taxação que é tão alta e progressiva que impede acumulação privada; gastos públicos; legislação trabalhista que trata de questões de salários, horas de trabalho e disciplina na esfera política e regulamentação severa do comportamento de grandes empresas sob a ameaça de execução:

Nessas condições, a geração de renda pública vai se tornar automaticamente permanente, bem independente dos fatores reforçados pelas teorias formadas para provar suas carências resultantes de causas inerentes no processo poupança-investimento da sociedade capitalista. Esse sistema, sem dúvida alguma, ainda vai se chamar capitalismo. Mas, é um capitalismo no balão de oxigênio — mantido vivo por dispositivos artificiais e paralisado em todas as funções que promoveram seu sucesso no passado. A pergunta sobre o motivo pelo qual ele deve permanecer vivo, portanto, deve vir à tona em breve⁹.

A atividade bancária e as finanças privadas não terão mais um papel a desempenhar em um mundo econômico completamente dependente do sistema de financiamento do governo que é totalmente independente das poupanças voluntárias privadas. Os gastos do governo como uma política permanente evoluirão para um planejamento de investimentos governamental. O comércio e os investimentos internacionais serão cortados das antigas práticas de cálculo comercial e serão administrados por considerações políticas. Esse será o “capitalismo dirigido”, que se transformará em “capitalismo estatal” quando algumas medidas de nacionalização forem adotadas. Schumpeter definiu o capitalismo estatal como posse e gerenciamento, por parte do governo, de setores selecionados do mercado, controle completo no mercado de trabalho e de capital, bem como iniciativa governamental nas empresas nacionais e estrangeiras. Se ele vai se chamar socialismo ou não é simplesmente uma questão de preferência, dizia Schumpeter. Esse Estado sofrerá de desinteligência e ineficiência, o que poderá ser eliminado com a volta ao capitalismo puro ou com a volta resoluta ao socialismo pleno. Por outro lado, Schumpeter acreditava que o capitalismo estatal poderia conservar muitos valores humanos que sucumbiriam nos sistemas alternativos.

23-1

Schumpeter em retrospecto

Na perspectiva de hoje, fica claro que Schumpeter, assim como Marx, era muito pessimista em relação ao futuro próximo do capitalismo. Desde a época em que Schumpeter escreveu, o capitalismo continua a se expandir e a prosperar em muitas partes do mundo. Além disso, a queda do comunismo levou diversas ex-economias socialistas a abraçar o capitalismo como a última meta dos seus esforços reformistas. O empreendedorismo tem prosperado no mundo, conforme se evidencia pelo grande sucesso de algumas empresas novas e pela grande inovação relacionada à computação pessoal, comunicações, engenharia genética e à Internet.

A contribuição geral de Schumpeter para a economia, portanto, consiste menos em suas opiniões sobre o destino do capitalismo em longo prazo do que em sua ênfase na importância

9. Joseph A. Schumpeter. *Essays*. Ed. Richard V. Clemence. Reading: MA: Addison-Wesley, 1951. p. 180.

23-1 O Passado como Preâmbulo

SCHUMPETER, A DESTRUIÇÃO CRIATIVA E A POLÍTICA ANTITRUSTE

A visão neoclássica padrão sobre a concorrência é a de várias empresas vendendo produtos idênticos ou similares. Quando as empresas de um mercado específico obtêm grandes lucros, surgem novas empresas. Essa entrada no mercado aumenta a oferta de produtos, o que reduz o preço do produto e causa queda dos lucros aos seus níveis normais. A concorrência, portanto, beneficia os consumidores, produzindo preços que são suficientemente justos para cobrir os custos de produção marginais e médios dos produtores, incluindo os lucros normais. A concorrência beneficia a sociedade, canalizando seus recursos para seus usos de maior valor.

Nessa visão neoclássica da concorrência, o monopólio é prejudicial aos consumidores e à sociedade. Os monopolistas definem preços mais altos do que os da concorrência, resultando em uma produção menor que a da concorrência e uma subalocação de recursos para o produto monopolizado. Por esses motivos, os países têm leis antitruste que proíbem que as empresas dominantes assumam práticas como, por exemplo, estabelecer preços para eliminar os concorrentes, exigir que os clientes comprem exclusivamente delas, comprar ou fundir-se com os concorrentes ou reprimir a entrada de possíveis concorrentes no mercado. Os Estados Unidos aplicaram leis antitruste para eliminar ou restringir as práticas de monopolistas declarados, como Standard Oil (1911), Alcoa (1945), Xerox (1975) e AT&T (1982). Em 1998, o governo moveu uma ação antitruste contra a Microsoft, alegando que ela utilizara seu monopólio no mercado de sistemas operacionais para computadores para reprimir a concorrência nos mercados relacionados.

Schumpeter tinha uma visão mais ampla sobre a concorrência e o monopólio. Ele enfatizava que a concorrência é um processo a longo prazo em que as empresas competem desenvolvendo totalmente novos produtos e processos. O monopólio não pode se manter por longos períodos porque seus preços e lucros criam um incentivo poderoso para que os empresários concorrentes produzam novos produtos e descubram novos métodos de produção. Consequentemente, essa

inovação empresarial resulta em *destruição criativa*: ela simultaneamente *cria* novos produtos e métodos de produção e *destrói* a força do monopólio existente. Conforme afirmação de Schumpeter:

Na realidade capitalista (...) trata-se da (...) concorrência da nova mercadoria, da nova tecnologia, da nova fonte de suprimento, do novo tipo de organização comercial — concorrência que comanda um custo decisivo ou uma vantagem na qualidade e que luta não nas margens do lucro das empresas já existentes, mas em suas bases e suas vidas. Esse tipo de concorrência é (...) tão (...) importante que se torna uma questão de indiferença comparativa se a concorrência funciona mais ou menos prontamente; a poderosa alavanca que a longo prazo aumenta a produção e reduz os preços é constituída de outras coisas¹⁰.

A implicação política dessa visão a longo prazo da concorrência e do monopólio difere da visão neoclássica. Se a destruição criativa é uma parte inevitável do capitalismo dinâmico, a monopolização de um mercado é de pouca preocupação. Consequentemente, novos empreendedores desenvolverão novos produtos e métodos que tornam o antigo monopólio inofensivo. Exemplos históricos: as linhas aéreas destruíram o monopólio das estradas de ferro; os cinemas trouxeram nova concorrência ao teatro; os CDs e fitas cassetes substituíram os LPs. Na opinião de Schumpeter, o governo não precisa colocar um fim ou restringir um monopólio já existente, porque o monopólio é parte do processo competitivo dinâmico a longo prazo. Todos os monopólios são temporários, a menos que o governo os proteja.

A maioria dos economistas contemporâneos concorda que a destruição criativa pode ocorrer, e ocasionalmente ocorre. Mas eles duvidam que ela seja inevitável em todas as situações. Desestimulados pela lei, os monopolistas podem “erguer abri-

¹⁰ Schumpeter. *Capitalism*. pp. 82-83.

gos contra tempestades (...) para se protegerem contra a destruição criativa¹⁰, tomando medidas para obter controle sobre novos e inovadores pro-

b. Walter Adams e James Brock. *The structure of American industry*. 9. ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, p. 310.

duto ou para evitar o seu desenvolvimento. Uma dessas ações, por exemplo, seria absorver novos concorrentes assim que eles surgirem. Evitando essas ações anticoncorrência, a política antitruste pode contribuir não apenas para a eficiência a curto prazo, mas também para o processo a longo prazo da destruição criativa.

dos empreendedores e das inovações para se alcançar o crescimento econômico. Novas e melhores tecnologias, muitas delas comercializadas por empreendedores, explicam boa parte do crescimento econômico dos países industrializados desenvolvidos.

RAGNAR NURKSE

Ragnar Nurkse (1907-1959) nasceu na Estônia. No começo dos anos 1930, sua família imigrou para o Canadá, e ele foi estudar na Universidade de Edimburgo e na Universidade de Viena. Como funcionário da Liga das Nações, publicou alguns estudos ilustres sobre a economia internacional. Após a Primeira Guerra Mundial, aceitou o cargo de professor na Universidade de Colúmbia e lá permaneceu até sua morte precoce, em Genebra, enquanto estava de licença.

Nurkse deu grande ênfase às economias externas. Quanto maior o volume de investimentos feitos, mais viável se torna assumi-los. Portanto, as economias de baixa renda exigem o progresso em uma atitude ampla, com expansão simultânea de mercados que suportam uns aos outros e aumento nas chances de sucesso. A maior dificuldade é que a pobreza dos países tem limitado a formação de capital.

O círculo vicioso da pobreza

Por que os países permanecem pobres?, perguntava Nurkse. Segundo a citação que se segue, sua resposta enfatizava o “círculo vicioso da pobreza”:

O “círculo vicioso de pobreza” (...) implica, obviamente, uma constelação circular de forças que tendem a agir e reagir umas sobre as outras, de modo a manter um país pobre em um estado de pobreza. Exemplos particulares dessas constelações circulares não são difíceis de imaginar. Por exemplo, um homem pobre pode não ter o suficiente para comer; sendo subnutrido, sua saúde pode ser debilitada; sendo fisicamente debilitado, sua capacidade de trabalho pode ser baixa, o que significa que ele é pobre, o que, por sua vez, significa que ele não terá dinheiro para comer, e assim por diante. Uma situação como essa, aplicada a um país inteiro, pode ser resumida na famosa afirmação: “um país é pobre porque é pobre”.

As relações circulares mais importantes desse tipo são aquelas que afetam o problema de formação de capital nos países economicamente subdesenvolvidos. O problema do desenvolvimento econômico é em grande parte, embora não totalmente, um problema de acúmulo de capital. As então chamadas áreas subdesenvolvidas, em oposição às desenvolvidas, não são providas de capital, em relação à sua população e a seus recursos naturais.

Há dois lados no problema de formação de capital real: há o lado da demanda e o lado da oferta. A demanda por capital é controlada pelos incentivos ao investimento; a oferta de capital é controlada pela capacidade e disposição de poupar. Em países subdesenvolvidos, existe uma relação circular nos dois lados do problema. No lado da oferta, temos a pequena capacidade de poupar, resultando no baixo nível da renda real. Mas a baixa renda real é reflexo de baixa produtividade, que, por sua vez, é decorrente, em grande parte, da falta de capital. A falta de capital é resultado da pequena capacidade de poupar e, assim, o círculo fica completo.

No lado da demanda, a persuasão ao investimento pode ser baixa, devido ao baixo poder de compra da população, o que se deve à baixa renda real, que, por sua vez, é decorrente da baixa produtividade. O baixo nível de produtividade, no entanto, é resultado do pequeno total de capital utilizado na produção, que, por sua vez, é causado pela baixa propensão a investir. (...) ¹⁰

Nurkse dizia que talvez pareça surpreendente que possa haver uma deficiência na demanda por capital. “Na maioria dos casos, a demanda por capital não é enorme?”, questionava ele. Sua resposta era negativa. O incentivo dado às empresas privadas para o investimento é gravemente limitado pelo pequeno tamanho do mercado interno. O tamanho do mercado é determinado pelo nível geral de produtividade. Vista integralmente, a “capacidade de comprar não depende apenas da capacidade de produção, mas é, na verdade, definida por ela”.

Desenvolvimento equilibrado

Nurkse argumentava que, se os países pobres devem se desenvolver, eles precisam confiar muito na industrialização em vez de confiar na produção e na exportação de matéria-prima. Os países não-industrializados, afirmava ele, são quase todos da classe de baixa renda e comercializam muito pouco entre si. Os países industrialmente ricos mostram grandes avanços na renda real *per capita*, ainda que não estejam transmitindo sua taxa de crescimento para o resto do mundo por meio de um aumento proporcional na demanda por produtos primários. Há seis grandes motivos para isso: (1) Nas economias desenvolvidas, a produção industrial está mudando de indústrias “pesadas” para “leves” (por exemplo, engenharia e química) e, portanto, requer menos matéria-prima em relação aos produtos acabados; (2) à medida que os serviços se tornam importantes nos países mais ricos, a demanda pela matéria-prima fica em defasagem em relação ao aumento do produto doméstico; (3) a elasticidade da renda da demanda do consumidor por várias mercadorias agrícolas tende a ser baixa; (4) o protecionismo agrícola tende a reduzir as importações de produtos primários nos países industrializados; (5) economias substanciais foram alcançadas nos usos industriais de materiais naturais por meio de desenvolvimentos como a recuperação sistêmica por revestimento eletrolítico e o reprocessamento de metais; e (6) os países industrializados tendem cada vez mais a substituir a matéria-prima por material sintético.

Se a produção primária para exportação não oferece oportunidades atraentes para o crescimento, a alternativa é a industrialização. Pode haver dois tipos de industrialização: aquela destinada a produzir bens manufaturados para exportar aos países industrializados e aquela fornecida principalmente aos mercados internos nos países de baixa renda.

10. Ragnar Nurkse. *Some aspects of capital accumulation in underdeveloped countries*. Cairo: National Bank of Egypt. 1952. p. 1-3. Reimpresso com permissão do editor.

O segundo tipo geralmente requer um avanço complementar na agricultura interna, enquanto o primeiro não. Nenhum tipo exige o abandono nem a contratação de exportação de matéria-prima que um país está naturalmente adaptado para produzir.

A produção de bens manufaturados para exportação em países industrializados oferece pouca esperança de sucesso. Portanto, as regiões de baixa renda devem expandir o mercado local para bens acabados. No entanto, o tamanho do mercado depende do volume de produção. A dificuldade é que a população agrícola pobre não pode comprar os bens manufaturados oferecidos para venda, devido às baixas produtividade e renda. Nem a economia local está apta a fornecer o alimento necessário para sustentar os novos trabalhadores industriais. Assim, o desenvolvimento industrial para os mercados locais requer um aumento simultâneo da produtividade agrícola internamente.

O mesmo princípio se aplica à esfera dos manufaturados. Sozinha, uma única empresa não pode criar demanda suficiente para sua produção, porque as pessoas que trabalham nas indústrias não vão querer gastar seu salário com os próprios produtos:

Assim como é possível que toda a indústria falhe se os lavradores não conseguirem produzir o excedente comercializável e forem muito pobres para comprar qualquer coisa das fábricas, também é possível que um único ramo da indústria falhe, por falta de suporte de outros setores da indústria e da agricultura, isto é, por falta de mercado. (...) Resumindo, embora seja verdade que os setores ativos tenderão a empurrar os setores passivos para a frente (e era isso o que alguns defensores do "crescimento desequilibrado" tinham em mente), é igualmente verdade que os setores passivos tenderão a segurar os ativos. Não seria melhor se cada setor fosse, de alguma forma, "ativo" no sentido de desenvolvimento espontâneo, imbuído de certo entusiasmo expansivo próprio em vez de esperar pelos sinais dos outros? Os incentivos e as limitações dos preços seriam, então, necessários somente para manter a taxa de desenvolvimento de cada setor alinhada com o padrão de demanda da comunidade. O princípio de expansão equilibrada pode ser observado como um meio de se acelerar a taxa geral de crescimento da produção¹¹.

Existem limites para a diversificação da produção. A necessidade de manter um porte eficiente é uma consideração prática importante que geralmente limita a diversificação da indústria em qualquer país. Portanto, a industrialização para os mercados internos nos países em desenvolvimento deve sempre incluir produção para exportação para o mercado de um outro país. Isso é particularmente importante para países com pequeno poder de compra, que têm muito a ganhar com a união de procedimentos alfandegários entre os países em desenvolvimento.

O progresso econômico, dizia Nurkse, não é espontâneo ou automático. Pelo contrário, forças do sistema tendem a segurá-lo em determinado nível. Porém, quando o círculo vicioso da estagnação é quebrado, as relações circulares tendem a compensar o avanço cumulativo. O investimento sincronizado de capital em uma ampla gama de mercados ampliará a indústria para todos eles, embora cada indústria, considerada separadamente, não se mostre atrativa para os investimentos. A maioria das indústrias que abastecem o consumo em massa é complementar, no sentido de que suprem os mercados umas das outras. A produtividade marginal social do capital é, na sua essência, maior que a produtividade marginal privada.

Nurkse acreditava que, em países com baixa renda, as forças que combateriam o poder da estagnação econômica devem ser deliberadamente organizadas por meio de uma direção cen-

tral ou empresa coletiva. Os investimentos reais poderiam ser feitos por empresas privadas, embora o Estado pudesse reforçar as poupanças compulsórias e, então, coordenar o investimento. A deficiência da demanda por capital surge somente no setor privado da economia. Para a economia como um todo, não existe, obviamente, essa deficiência. Portanto, a maioria dos países em desenvolvimento precisará de uma combinação de ação privada e governamental sobre as poupanças e os investimentos. Cada país deve trabalhar sua própria combinação, de acordo com suas necessidades e oportunidades.

No caso dos países pobres emergentes de hoje, o crescimento equilibrado oferece um caminho possível para o progresso econômico. O problema desse método é que ele requer grande volume de capital, que os países pobres têm dificuldade em adquirir. Outra opção que tem sido proposta e implementada em alguns países é promover o crescimento com a substituição da importação. Se um país já está importando produtos manufaturados, ele pode impor barreiras para a importação e assumir a produção desses produtos internamente sem necessitar de crescimento equilibrado. Outra opção é encorajar investimentos estrangeiros diretos de modo a aumentar as ações de capital disponíveis para uso por trabalhadores domésticos.

W. ARTHUR LEWIS

Em 1979, dois proeminentes economistas especializados em economia do desenvolvimento compartilharam o Prêmio Nobel de Economia. Um deles era Arthur Lewis (1915-1991); o outro, Theodore Schultz. Lewis é o objeto imediato de nossa atenção. Discutiremos Schultz posteriormente neste capítulo.

W. Arthur Lewis nasceu nas Índias Ocidentais Britânicas, em 1915. Estudou e, mais tarde, lecionou na London School of Economics, transferindo-se mais tarde para a Universidade de Manchester. Em 1949, ele publicou *The principles of economic planning*, em que advertia sobre a impraticabilidade do planejamento central e sustentava o planejamento por meio de mercados. Esse importante trabalho foi seguido em 1954 por seu famoso artigo sobre desenvolvimento, *Economic development with unlimited supplies of labour*¹². Um ano mais tarde, Lewis publicou *The theory of economic growth*, no qual enfatizava o processo de crescimento em países em desenvolvimento (em oposição às teorias de crescimento de Harrod, Domar e Solow, que enfatizavam os países capitalistas desenvolvidos).

Lewis manteve muitos cargos distintos durante sua carreira, incluindo o de vice-chanceler da Universidade das Índias Ocidentais, presidente do Banco de Desenvolvimento do Caribe e presidente da American Economic Association. De 1963 até sua aposentadoria, ficou na faculdade da Woodrow Wilson School of Public and International Affairs, na Universidade de Princeton. Lewis morreu em 1991.

O modelo de dois setores de Lewis

O modelo dual de Lewis para o desenvolvimento econômico divide a economia em dois setores: um *setor de subsistência rural* tradicional e um *setor industrial urbano* moderno. O setor rural possui tanto trabalho excedente em relação ao capital e aos recursos naturais que muito desse

11. Ragnar Nurkse. *Patterns of trade and development*. Estocolmo: Almqvist and Wiksell, 1959, p. 43.

12. W. Arthur Lewis. *Economic development with unlimited supplies of labour*, *Manchester School*, n. 22, p. 130-101, maio de 1954.

trabalho poderia ser transferido para o setor urbano sem diminuir a produção agrícola. Na extremidade oposta, o produto marginal desse trabalho redundante é zero.

O setor urbano é industrializado e lucrativo. Parte desses lucros é poupada e investida em bens de capital. Devido a essa expansão de fábricas e equipamentos, o setor urbano possui uma demanda crescente por trabalho. Tem também uma média salarial substancialmente maior que o setor rural. Portanto, os trabalhadores no setor agrícola serão atraídos para o setor urbano.

Os mecanismos do modelo de Lewis são representados na Figura 23-2, que mostra a demanda e a oferta de trabalho no setor industrial urbano. Imagine que um volume fixo de capital esteja disponível nesse setor e que a demanda para o trabalho seja D_1 . Essa curva da demanda pelo trabalho é simplesmente a curva do produto da receita marginal ($MRP = \text{produto marginal} \times \text{receita marginal}$) derivada dos trabalhos de John Bates Clark (Figura 14-4a) e Alfred Marshall.

Observaremos que a oferta de trabalho, S , para o setor urbano na Figura 23-2 é perfeitamente elástica na taxa salarial urbana W_u . Lewis observou que a taxa salarial urbana média nos países em desenvolvimento era aproximadamente 30% mais alta do que a taxa salarial rural média. Consequentemente, uma grande oferta de mão-de-obra rural redundante está disponível para o setor industrial urbano. Na taxa salarial W_u , os empregadores urbanos podem contratar menos ou mais trabalhadores, conforme desejarem.

Na Figura 23-2, os empregadores urbanos optarão por contratar Q_1 trabalhadores, porque o produto da receita marginal no nível de desemprego se iguala à taxa salarial (custo de recursos marginais). Relembrando Clark, a produção industrial urbana é a área abaixo da curva da demanda D_1 : é a área $a + b$. Dessa quantia, os trabalhadores receberão a área a como salários; os capitalistas receberão a área restante b como juros e lucros.

Os capitalistas reinvestirão parte de seus lucros no novo capital no setor urbano, aumentando a produtividade da mão-de-obra nesse setor. Esse aumento no produto marginal da mão-de-obra se traduz em um deslocamento para a direita na curva da demanda pela mão-de-obra, por exemplo, de D_1 para D_2 . Com a nova demanda pela mão-de-obra D_2 , as empresas do setor urbano contratarão Q_2 trabalhadores. Os salários totais aumentarão da área a para a área $a + d$. Enquanto isso, a renda dos capitalistas aumenta da área b para a área $b + c$. Q_1, Q_2 trabalhadores rurais são absorvidos no setor industrial urbano e, como seu produto marginal era zero no setor rural, a produção total da nação passa da área $a + b$ para a área $a + b + c + d$. Esse processo se repete: novos investimentos ocorrem, os estoques de capital aumentam, a demanda por mão-de-obra cresce, ocorre a migração para o setor urbano e a produção nacional se expande.

Implicações

O modelo de Lewis ajuda a explicar como um país em desenvolvimento, que anteriormente estava poupando e investindo uma pequena porcentagem de sua renda nacional, converte-se em uma economia que voluntariamente poupa e investe altas porcentagens de sua renda nacional. Quando o processo de Lewis começa, a expansão da produção e da renda nacional ocorre quase automaticamente. Por essa razão, o modelo de dois setores de Lewis segue a tradição da teoria econômica clássica de Smith. O círculo vicioso de pobreza de Nurkse é quebrado quando a mão-de-obra rural excedente migra para o setor industrial urbano. Essa migração aumenta a renda capitalista, que, por sua vez, promove maior volume de poupanças e investimentos. O país expe-

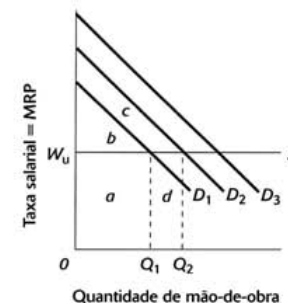


Figura 23-2 O modelo de Lewis para o desenvolvimento econômico: Oferta ilimitada de mão-de-obra

No modelo de Lewis, os empregadores no setor industrial urbano deparam-se com uma curva de oferta perfeitamente elástica de trabalho, porque há uma mão-de-obra excedente no setor agrícola rural (não mostrada) e a taxa salarial urbana, W_u , excede a taxa salarial rural (não mostrada). Se a demanda por trabalho é D_1 no setor urbano, os capitalistas empregarão Q_1 trabalhadores e obterão rendas de juros e lucros, mostradas pela área b . O reinvestimento dessa renda expandirá as ações de capital, aumentará a produtividade da mão-de-obra e deslocará a curva da demanda pela mão-de-obra para a direita, isto é, para D_2 . Portanto, o emprego aumentará, assim como os salários totais, a renda capitalista e a produção nacional. O processo continuará até que a mão-de-obra excedente no setor rural seja completamente absorvida no setor industrial urbano.

rimenta o aumento de capital e de produção nacional sem um deslocamento direto de recursos de bens de capital para bens de investimento.

Eventualmente, dizia Lewis, toda a mão-de-obra excedente no setor rural é absorvida no setor industrial urbano. A curva da oferta de mão-de-obra na Figura 23-2 desloca-se, então, para cima, porque mais expansão de demanda no setor urbano exigirá taxas salariais mais altas para atrair mão-de-obra do setor rural. Nessa fase do desenvolvimento, ocorre a análise neoclássica de taxas salariais, com sua curva decrescente da demanda pelo trabalho e a curva crescente da oferta de trabalho. Outros aumentos na demanda pelo trabalho no setor urbano elevarão a taxa salarial e o emprego.

Embora o modelo de Lewis tenha sido criticado como sendo inaplicável a muitas nações atuais menos desenvolvidas (O Passado como Preâmbulo 23-2), ele descreve o processo de desenvolvimento experimentado historicamente pelos Estados Unidos e por várias outras economias hoje industrializadas. Até mesmo os críticos das opiniões de Lewis o reconhecem como uma das figuras mais importantes no surgimento da economia do desenvolvimento.

THEODORE W. SCHULTZ

Theodore W. Schultz (1902-1998) cresceu em Arlington, Dakota do Sul, e concluiu seus estudos na Universidade Estadual de Dakota do Sul. Após receber seu Ph.D. da Universidade de Wisconsin, em 1930, ingressou na faculdade do Estado de Iowa. Em 1943, assumiu um cargo de professor de economia na Universidade de Chicago, onde atuou como chefe do departamento de 1946 a 1961. Continuou seu trabalho em Chicago até sua aposentadoria. Seus 13 livros

e mais de 250 artigos e estudos trataram principalmente da economia agrícola, do crescimento e desenvolvimento econômico e do capital humano. Em 1979, ele ganhou o Prêmio Nobel de Economia por essas contribuições.

No início da década de 1960, Schultz iniciou o que veio a se transformar na revolução do capital humano no pensamento econômico¹³. O capital humano consiste no acúmulo de todos os principais investimentos em educação, treinamento *on-the-job*¹⁴, saúde, migração e outros fatores que aumentam a produtividade individual e, conseqüentemente, os ganhos. Os trabalhadores tornaram-se capitalistas, dizia Schultz, com a aquisição de conhecimento e habilidades que têm valor econômico:

Esse conhecimento e essas habilidades são, em grande parte, produto de investimento e, combinados com outros investimentos humanos, contribuem predominantemente para a superioridade produtiva dos países tecnicamente desenvolvidos. Omiti-los no estudo do crescimento econômico é como tentar explicar a ideologia soviética sem Marx¹⁵.

Schultz afirmava que os investimentos em capital humano nos ajudam a entender as “três principais perguntas intimamente ligadas ao enigma do crescimento econômico”.

Primeiro, consideremos o comportamento a longo prazo da razão capital-renda. Aprendemos que um país que tenha acumulado mais capital reprodutível em relação às terras e trabalho empregaria esse capital em maior “profundidade”, devido à grande abundância e preços baixos. Mas, aparentemente, não é isso o que acontece. Pelo contrário, as estimativas hoje disponíveis mostram que uma parcela menor desse capital tende a ser empregada em renda, à medida que o crescimento econômico continua. Devemos deduzir que a razão capital-renda não interfere na explicação da pobreza ou da opulência? Ou que um aumento nessa razão não é um pré-requisito para o crescimento econômico? (...) Para o meu propósito, tudo o que precisa ser dito é que essas estimativas das razões capital-renda referem-se apenas a uma parte de todo o capital. Elas excluem, em particular e infelizmente, qualquer capital humano. O capital humano tem crescido a uma taxa substancialmente maior que o capital reprodutível (não-humano). Não podemos, portanto, inferir dessas estimativas que o estoque de *tudo* o capital esteja diminuindo em relação à renda¹⁶.

A segunda pergunta importante, dizia Schultz, é por que a renda nacional tem crescido mais rápido que o total combinado de terra, horas trabalhadas por pessoa e estoque de capital físico. A explicação está nos rendimentos à escala e na melhoria da qualidade das entradas, particularmente no aprimoramento da capacidade humana em produzir bens e serviços.

Uma pequena distância nos separa desses dois questionamentos levantados pelas estimativas já existentes de um terceiro, que nos leva ao cerne do problema, ou seja, o grande e inexplicável aumento em ganhos reais dos trabalhadores. Isso poderia ser uma sorte inesperada? Ou

13. Lembre-se de que esse conceito teve suas origens em *Wealth of nations*, de Adam Smith. Von Thünen e Fisher também incluíram o capital humano em suas definições sobre a riqueza econômica.

14. N.R.T. Treinamento no trabalho.

15. Theodore W. Schultz. Investment in human capital. *American Economic Review*, n. 51, p. 3, março de 1961. Reimpresso com permissão do editor.

16. Idem, *ibidem*, p. 5.

23-2... O Passado como Preâmbulo

AS CRÍTICAS DE TODARO A LEWIS E SCHULTZ

A visão positiva de Lewis sobre a migração rural-urbana do trabalho e a ênfase de Schultz aos investimentos em capital humano foram alvos das críticas de economistas do desenvolvimento, particularmente preocupados com os países mais pobres em desenvolvimento dos dias de hoje.

Um crítico proeminente é Michael Todaro (1942-), que observa que o modelo de Lewis não se enquadra nos fatos de desenvolvimento em muitos países de baixa renda. Ele observa que uma emigração sem precedentes de pessoas das áreas rurais para as urbanas ocorreu em países em desenvolvimento da África, Ásia e América Latina e que o resultado não foi o crescimento auto-sustentável sugerido pelo modelo de Lewis. Em vez disso, a taxa de migração rural-urbana esgotou a capacidade das áreas urbanas em criar emprego, aumentando as taxas de desemprego urbano e gerando a miséria urbana.

O modelo de Lewis assume que a taxa salarial urbana permanecerá constante à medida que o capital se expande. Mas Todaro observa que as taxas salariais urbanas nos países em desenvolvimento aumentaram com o tempo, tanto em termos absolutos quanto em relação às rendas médias rurais. Uma combinação de pressão empresarial-sindicatos, salários mínimos altos (em relação aos salários médios) e políticas de salários altos das empresas multinacionais elevou as taxas salariais no setor urbano, mesmo na presença de um substancial nível de desemprego decorrente da emigração rural. Ao mesmo tempo, os governos nos países em desenvolvimento trouxeram o preço do capital abaixo do custo real, por meio de taxas de juros subsidiadas, tratamento protecionista dos impostos e outros incentivos ao investimento. O resultado do trabalho por um preço muito alto e do capital abaixo do preço tem sido o uso difundido de capital intensivo (economia de mão-de-obra), assim como o uso difundido de trabalho não-intensivo e economia de mão-de-obra (uso da mão-de-obra). Todaro afirma: “Vislumbrar no-

equipamentos automatizados é um recurso comum das indústrias urbanas, enquanto os trabalhadores ociosos se reúnem fora dos portões da fábrica”.

Resumindo, Todaro afirma que o grande aumento no emprego urbano previsto por Lewis não ocorreu: “Para cada novo emprego criado, dois ou mais migrantes que estavam produtivamente ocupados nas áreas rurais chegam à cidade”. Todaro argumenta que a melhor política para a maioria dos países em desenvolvimento é reduzir o fluxo de mão-de-obra da área rural para a urbana. Em vez disso, os governos dos países em desenvolvimento devem buscar um desenvolvimento mais equilibrado entre os setores rural e urbano.

Todaro também questiona a ênfase de Schultz no investimento em capital humano nos países em desenvolvimento. As altas taxas de desemprego urbano resultam em filas de trabalhadores qualificados à procura de empregos disponíveis. E a uma taxa salarial específica do mercado, os empregadores normalmente contratam os candidatos que tenham um nível de educação mais elevado. Assim, os trabalhadores ficam ansiosos por aproveitar as oportunidades de melhorar seus conhecimentos. Respondendo a essa demanda, os países em desenvolvimento geralmente aplicam totais cada vez maiores dos recursos escassos da sociedade na educação. Entretanto, as realizações educacionais e relacionadas às habilidades adquiridas normalmente estão acima daquelas necessárias para as vagas disponíveis nos países em desenvolvimento. Assim, os investimentos em capital humano são excessivos, eles simplesmente aumentam o nível educacional dos desempregados.

Por outro lado, outros economistas foram contra a análise de Todaro. Fica claro que essa diferença de opinião permanece em relação ao caráter

a. Michael P. Todaro. *Economic development in the Third World*. 3. ed. Nova York: Longman, 1985, p. 242.

dos mercados de trabalho nos países em desenvolvimento, à natureza da migração rural-urbana e à política pública adequada. Conforme afirmado por Lewis, em 1984, "se o conflito e os debates são índices de atividade intelectual, nosso assunto

(economia do desenvolvimento) parece adequadamente controverso".

c. LEWIS, W. Arthur. The state of development theory. *American Economic Review*, n. 74, p. 10, março de 1984.

uma quase-renda aguardando o ajuste da oferta de trabalho? Ou um rendimento puro refletindo o volume fixo de trabalho? Parece mais razoável que represente um retorno aos investimentos feitos nos seres humanos¹⁷.

"Quais são as implicações da teoria do capital humano na assistência ao desenvolvimento dos países?", perguntava Schultz. Ele respondia que perpetuamos uma doutrina de desenvolvimento enganosa, atribuindo maior importância à formação do capital físico. Novas agências estão se desenvolvendo para transferir fundos a fim de que os países em desenvolvimento possam comprar ou construir fábricas poderosas:

Esse esforço unilateral está a caminho, apesar do fato de que o conhecimento e as habilidades necessários para pegar e utilizar eficientemente as técnicas avançadas de produção, o recurso mais valioso que podemos disponibilizar, sejam, em resumo, a oferta nesses países subdesenvolvidos. Obviamente, uma parte do crescimento pode ser decorrente do aumento em mais capital convencional, embora a mão-de-obra disponível esteja carente de habilidades e conhecimento. Mas a taxa de crescimento ficará gravemente limitada. Simplesmente é impossível colher os frutos de uma agricultura moderna e da abundância da indústria moderna sem grandes investimentos em seres humanos¹⁸.

O fato de que a perspectiva de Schultz seja hoje um dogma comum da economia do desenvolvimento atesta para a importância de suas contribuições. Além disso, descobriremos no Capítulo 24 que sua ênfase no capital humano resultou na aplicação da ideia a uma gama muito mais ampla de análise econômica. Hoje, a teoria do capital humano é uma parte ortodoxa do núcleo básico da economia do trabalho.

Perguntas para estudo e discussão

1. Identifique brevemente e estabeleça a importância de cada um dos seguintes pensadores e conceitos para a história do pensamento econômico: crescimento econômico, desenvolvimento econômico, Domar, taxa equilibrada de desenvolvimento de Domar, Solow, ponto estável, Schumpeter, inovação schumpeteriana, Nurkse, círculo vicioso de pobreza, Lewis, setor de subsistência rural, setor industrial urbano, Schultz e capital humano.
2. Explique a seguinte afirmação de Evsey Domar: "Em termos keynesianos, não é suficiente que as poupanças de ontem sejam investidas hoje ou, em outras palavras, que o investimen-

17. Schultz, op. cit., p. 6.

18. Idem, ibidem, p. 16.

to se equipare às poupanças. O investimento de hoje deve sempre exceder as poupanças de ontem".

3. Imagine que os dados relevantes para uma economia do setor privado nacional fossem os seguintes: (a) $\alpha = 0,25$, (b) $\sigma = 0,1$ e (c) renda equilibrada no período $T = \$ 600$ bilhões. Utilize o modelo de Domar para determinar a taxa percentual de crescimento de investimento que seria necessária para manter o emprego pleno. Qual seria o nível de renda no período $2T$? Em quantos milhões de dólares os gastos com investimentos teriam de aumentar no período $3T$?
4. Estabeleça as diferenças entre investimento equilibrado e investimento real de acordo com a teoria do crescimento de Solow. Explique: Cada ponto na curva BI_{100} , na Figura 23-1, *poderia ser* um ponto estável, mas apenas um ponto da curva *é* o ponto estável.
5. Como poderíamos demonstrar um aumento na taxa de poupanças no modelo de Solow (Figura 23-1)? Por que k^* não será mais o total estável de capital por trabalhador? Explique o ajuste que ocorrerá para se atingir o total estável de capital por trabalhador.
6. Compare a teoria da queda do capitalismo de Schumpeter com a de Marx.
7. O que Nurkse quer dizer quando afirma que um país é pobre porque é pobre? Por que a relação circular implicada pela afirmação anterior oferece esperança de desenvolvimento cumulativo quando um país quebra o círculo de pobreza?
8. Quais são os dois setores no modelo de Lewis? Como os aumentos na demanda pelo trabalho são explicados no seu modelo? Por que a produção nacional aumenta quando a mão-de-obra migra?
9. Explique, de forma sucinta, as "três principais perguntas intimamente ligadas aos enigmas do crescimento econômico". Explique como o conceito de capital humano ajuda a responder a cada uma dessas perguntas.
10. Quais são as principais críticas ao modelo de Lewis? E às opiniões de Schultz sobre o desenvolvimento?

Leituras selecionadas

Livros

DOMAR, Evsey D. *Essays in the theory of economic growth*. Nova York: Oxford University Press, 1957.

HARROD, Roy F. *Toward a dynamic analysis*. Nova York: St. Martin's, 1966. [Originalmente publicado em 1948, pela Macmillan.]

LEWIS, W. Arthur. *The principles of economic planning*. Londres: Allen and Unwin, 1949.

_____. *The theory of economic growth*. Homewood, IL: Richard D. Irwin, 1955.

NURKSE, Ragnar. *Patterns of trade and development*. Estocolmo: Almqvist and Wiksell, 1959.

_____. *Some aspects of capital accumulation in underdeveloped countries*. Cairo: National Bank of Egypt, 1952.

SCHULTZ, Theodore W. *The economic value of education*. Nova York: Columbia University Press, 1963.

_____. *Transforming traditional agriculture*. New Haven, CT: Yale University Press, 1964.

SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalism, socialism, and democracy*. 3. ed. Nova York: Harper, 1950. [Originalmente publicado em 1942.]

_____. *History of economic analysis*. Editado com base nos manuscritos de Elizabeth B. Schumpeter. Nova York: Oxford University Press, 1954.

_____. *The theory of economic development*. Traduzido por Redvers Opie. Nova York: Oxford University Press, 1961. [Originalmente publicado em 1911.]

SEIDL, Christian (ed.). *Lectures on Schumpeterian economics*: Schumpeter's centenary memorial lectures, Graz 1983. Nova York: Springer, 1984.

Artigos em revistas especializadas

BOWMAN, Mary J. On Theodore W. Schultz's contributions to economics. *Scandinavian Journal of Economics*, 82, n. 1, p. 80-107, 1980.

DOMAR, Evsey D. Expansion and employment. *American Economic Review*, n. 37, p. 34-55, março de 1947.

FINDLAY, Ronald. On W. Arthur Lewis' contributions to economics. *Scandinavian Journal of Economics*, 82, n. 1, p. 62-76, 1980.

LEWIS, W. Arthur. Economic development with unlimited supplies of labour. *Manchester School*, n. 22, p. 139-191, maio de 1954.

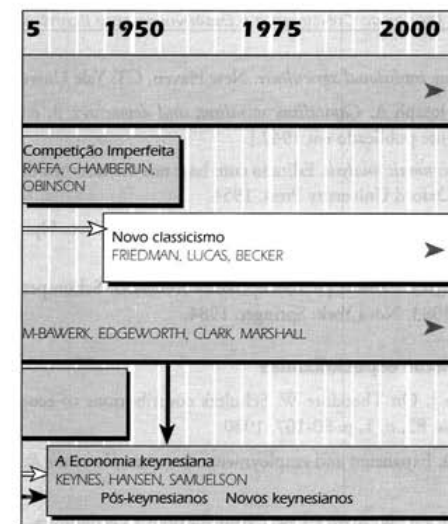
_____. The state of development theory. *American Economic Review*, n. 74, p. 1-10, março de 1984.

PARAYIL, Govindan. Schumpeter on invention, innovation and technological change. *Journal of the History of Economic Thought*, n. 13, p. 78-89, primavera 1991.

SCHULTZ, Theodore W. Investment in human capital. *American Economic Review*, n. 51, p. 1-17, março de 1961.

SOLOW, Robert M. A contribution to the theory of economic growth. *Quarterly Journal of Economics*, n. 70, p. 65-94, fevereiro de 1956.

_____. Technical change and the aggregate production function. *Review of Economics and Statistics*, n. 39, p. 312-320, agosto de 1957.



CAPÍTULO 24

A ESCOLA DE CHICAGO – O NOVO CLASSICISMO

A fase moderna da escola econômica de Chicago começou em 1946, quando Milton Friedman ingressou na faculdade da Universidade de Chicago¹. Ele e George Stigler, que chegou em 1948, estabeleceram solidamente a identidade exclusiva da escola. Gary Becker, Robert Lucas e vários outros economistas proeminentes em Chicago continuaram a tradição, com alguns economistas assumindo diferentes cargos na academia, nos negócios e no governo. Assim, as idéias associadas à escola de Chicago não estão mais confinadas exclusivamente à universidade que deu origem ao nome da escola.

Descobriremos que os dogmas da escola de Chicago seguem as principais tradições clássicas-neoclássicas. A perspectiva de Chicago é uma variante do neoclassicismo e é conhecida como "novo classicismo".

1. Frank Knight (1885-1972), que junto com Coase desafiou a teoria de Pigou sobre o custo social, e Henry Simons (1900-1946), que foi um forte proponente do *laissez-faire*, foram os primeiros colaboradores do que se tornou a tradição de Chicago. Assim também o foi Jacob Viner (O Passado como Preâmbulo 14-1). Um bom resumo de suas contribuições pode ser encontrado em William Reit e Roger L. Ransom. *The Academic*...